

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **VOZ, IDENTIDADE E PODER: SERTANEJAS NO CENÁRIO EMPRESARIAL DE DELMIRO GOUVEIA, ALAGOAS, 2019-2020**

Maele Moreira Sandes Cavalcanti  
Mestranda em História – PPGH/UFAL  
maele.cavalcanti@delmiro.ufal.br

### **Introdução**

O empreendedorismo feminino segue transpassado pelas questões de classe, gênero e raça. No Brasil, a herança colonial, patrimonialista e patriarcal persiste em impor as mulheres contingências, delimitações e restrições associadas ao lar, à família e a trabalhos secundários (MELO; THOMÉ, 2018). Diante deste histórico, é bastante compreensivo o volume de experiências, mobilizações e estudos das últimas décadas associadas as lutas das mulheres contras às duplas jornadas de trabalho, as desigualdades de gênero e de raça.

Neste contexto social, político e cultural do final do século XX e início do século XXI, o conceito de empreendedorismo feminino transmuta e supera o sentido do empreendedorismo tradicional – aquele em que a equivalência de formação com a construção psicossocial de aproveitamento de oportunidade e de superação de desafios. No caso do empreendedorismo feminino verifica-se o dobro de dificuldades ao se alcançar um empreendimento próprio. Segundo Jonathan (2011), sobre este tema é importante evidenciar diferenças, convenções e silenciamentos econômicos, políticos e simbólicos quanto ao feminino, aos feminismos e certas convenções morais, conservadoras e sociais.

Assim, ao evidenciar narrativas de mulheres de negócios dentro no sertão alagoano no período de 2019 a 2020, é possível captar vozes, identidades e relações de poder, por vezes, silenciadas e que, a partir da posição de empreendedores, evidenciam transverter convenções de classe, gênero e raça. E, em outras palavras, descortinam a partir das narrativas destas sertanejas empresárias uma perspectiva de uma história social e do tempo presente a ser explorada. Nesta perspectiva, este estudo analisa três

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

entrevistas de empresárias de ramos formalizados no município de Delmiro Gouveia, Alagoas, baixo do Rio São Francisco, entre 2019 a 2020 (CAVALCANTI, 2019).

As trajetórias de cada uma destas empreendedoras tecem ramificações de poder e resistência ao romperem silêncios, desmistificaram habilidades, comportamentos e espaços impostos as mulheres do sertão. Neste sentido, tanto do ponto de vista da história social quanto do tempo presente existe a necessidade de compreender os significados do fazer-se das sertanejas de negócios. Proposta que propõe quebrar também os paradigmas de uma historiografia regional centrada nos empreendimentos fabris do coronel do algodão “Delmiro Augusto da Cruz Gouveia” (CORREIA, 1998; NASCIMENTO, 2014).

Uma melhor compreensão da temática dos estudos sobre as mulheres, em particular de mulheres empreendedoras, demanda aprofundar as discussões sobre a história das mulheres e o debate de classes (PERROT, 2005; 2020; SPIVAK, 2010); de gênero (SAFFIOTI, 2015; SOIHET, 2011; RAGO, 2018); e, de como este tema, das sertanejas de negócios, dialoga e se contrapõe ao debate do patriarcado e das relações de trabalho no sertão (KNOX, 2018).

A pesquisa em tela também realizou coleta de dados utilizando a metodologia da História Oral (ALBERTI, 2004; CRUZ, 2005; MEIHY; HOLANDA, 2007). A partir da metodologia da História Oral é possível identificar, registrar e dialogar com fontes ressignificadas a partir das experiências vividas selecionadas e narradas no instante da entrevista. Assim, a coleta dos dados, no caso das entrevistas, serviu para melhor compreender questões de relações de classe, trabalho, etnia, pertencimento e identidades e relações de poder. Em torno destes dados e dos diálogos com a história do tempo presente (BLOCH, 2001) e da história social (PERROT, 2019), a presente pesquisa contempla alguns nuances sobre o lugar, visibilidade e experiências destas sertanejas de negócios, em Delmiro Gouveia, Sertão de Alagoas, entre 2019 a 2020.

### **Teto de Vidro: a romantização do empreendedorismo feminino.**

Ao pensarmos o empreendedorismo feminino logo nos deparamos com escritas de diversas áreas: ciências sociais, economia, estudos a partir da clivagem de gênero em

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

diálogo com a psicologia, sociologia, administração entre outras áreas do conhecimento. No campo da história, por sua vez, os estudos sobre empresárias – seu local de voz, poder e visibilidade – pouco são aludidos. Neste sentido, as pesquisas sobre mulheres, negócios e campo de trabalho, majoritariamente centram-se no uso da mão-de-obra proletária, de trabalhos informais ou no trabalho próprio privado (MELO; THOMÉ, 2018).

Michelle Perrot (2005) evocou o quanto o silenciamento feminino é hegemônico e estrutural de relações de poder. A respeito, ela também destaca a formação de sentidos e concepção de classes. A mulher é, por convenção, colocada como objeto inferior ainda das camadas ao qual demandam poder e construção social. Segundo Spivak (2010), as mulheres não chegam a ser nem sujeitos subalternos, pois antes desse processo de subalternização, sua condição é obliterada, ocupa um lugar ainda mais periférico, assim os estudos realizados por Spivak evidenciam que as mulheres passam por sujeitos apagamentos em um aspecto pós-colonial - um aporte teórico que ganhou força no final de 1980 e a tem traços na formação decolonial - em meio social, político e no trabalho que assim como na história dos excluídos da história, trazem a construção e a formação das mentalidades dos colonizados e seu espaço de fala construído no materialismo histórico.

Seguindo a escrita de Spivak (2010), podemos alinhar ao estudo de caso do sul da Índia sobre as condições das mulheres indianas empreendedoras da Dra. Mallika Das “*women entrepreneurs from southern india: an exploratory study*” (1999), no qual a partir da descrição de pequenas ou médias empresas, apresenta-se uma sociedade que os valores ainda são simbólicos, com leis silenciosas assim como as antigas castas, o que separa as mulheres das linhas hegemônicas dos homens e das classes sociais, transmitem a mulheres imposições sobre o que deve comerciar, as condições que foram dadas as mulheres na Índia não tem direito a linhas de créditos específicos para seus próprios negócios), assim sem devido apoio, as antigas leis silenciosas se tornam bem visíveis, e delimitastes, pois, as mulheres de pequenos comércios tendem a permanecer pequenos, pois a valorativa patriarcal ainda assumem as condições das mulheres *emancipadas*, mesmo com todas as dificuldades, o estudo de caso de Das evidencia que a zona de

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

periferia que a mulher ainda ocupa na parte Sul da Índia em pleno século XXI são responsáveis pela construção patriarcal e sua manutenção.

As ideologias culturais tornam invisíveis (naturalizam) as construções e mediações dos sinais, para nos fazer acreditar que as palavras e as imagens falam por si e não pelas vozes interpostas e concertadas dos discursos sociais que historicamente tecem os seus significados. Descobrir os códigos de transparência que apagam o trabalho significativo das ideologias culturais, é a primeira manobra de crítica primeira de resistência à falsa e suposta que é a neutralidade dos sinais. (RICHARD, 1993, p.11)

O uso de Nelly Richard (1993) para compreensão da formação do feminino e do masculino, os simbolismos dos papéis perpetuam a mulher e a reprodução do acúmulo de atividades no privado e também no público. No exemplo em tela, a formação é orientada para dar conta primeiramente do que lhe proponha a fazer, o que romantiza e a sobrecarrega das atividades triviais do dia a dia, e o acúmulo de tarefas, juntamente com o trabalho e o lar.

Assim para Richard, a neutralidade não existe entre mulheres e o trabalho, as práticas desmontam toda a teoria da mulher emancipada quando as relações de poder se fazem desiguais, assim ganhando uma média de 30% a menos que os homens em mesmas posições, com mais instruções acadêmicas.

Os avanços das pesquisas e do cenário empreendedor sofrem mudanças e mais visibilidades a partir de estudos realizados em 1990, ainda de tal modo o empreendedorismo de mulheres negras ainda não é comumente descrito em dados oficiais dentro de pesquisas sendo uma parcela expressa também dados étnicos.

Diferença nos padrões longitudinais das taxas de emprego desses grupos e concluíram que a dificuldade histórica de acesso a crédito devia ser um dos motivos que, potencialmente, explicaria a baixa participação da mulher negra na condição de empresária. Mais recentemente, outras pesquisas têm sido realizadas com a finalidade de estudar o gênero, a raça e a cor dos indivíduos que empreendem. (GOMES et al., 2014, p. 326)

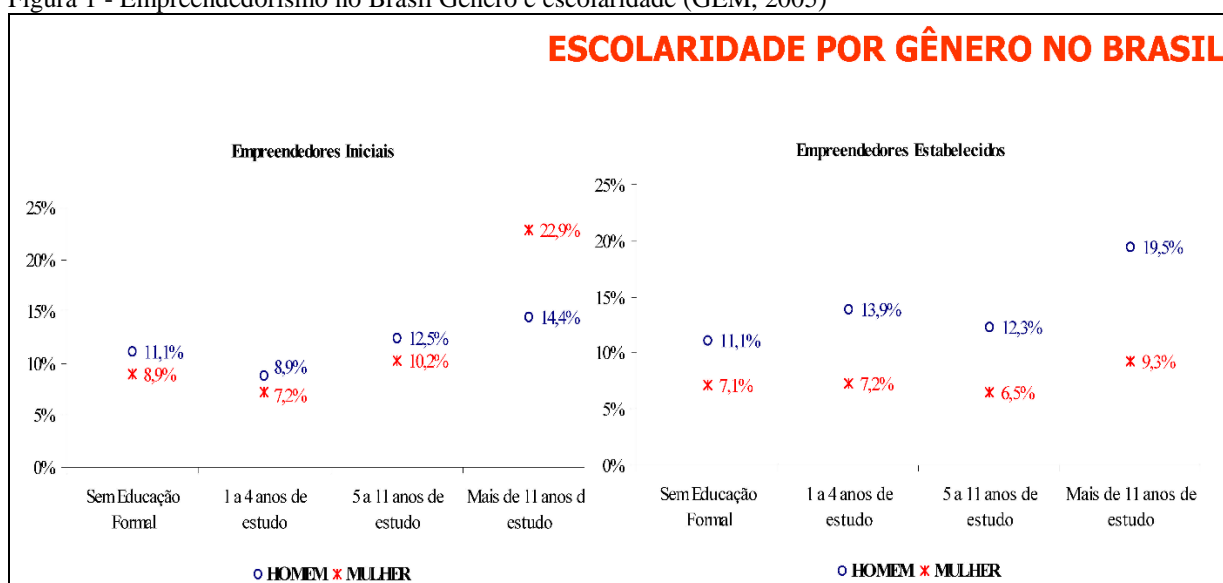
Em comparativa aos dados do *Global Entrepreneurship Monitor Empreendedorismo* (GEM, 2005), as mulheres em setores iniciais com mais de 11 anos de estudo tem maior equivalência de estudo, mas quando exprime a condição étnicas os estudos são diásporas. Em geral quando estabelecidos setores, as mulheres sofrem

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

queda drástica de aperfeiçoamento e melhores condições salariais. São muitos as obliterações, por oportunidades ou capacitação em meios aos órgãos especializados (SEBRAE) e planos de estratégias a longo prazo, também equivalem a mais tempo no serviço e fora do lar, além da equivalência e o apoio para melhor aproveitamento da dinâmica empresarial. Assim quando os comparativos dados sobre a escolaridade em 2005, das empreendedoras segundo as relações de gênero, vejam na tabela abaixo:

Figura 1 - Empreendedorismo no Brasil Gênero e escolaridade (GEM, 2005)



Fonte: GEM Brasil 2005

A tabela acima acompanha dois segmentos um deles é o empreendedorismo inicial (lado esquerdo) compostos por homens e por mulheres, o gráfico apresenta os seguintes dados os homens sem educação formal equivalem a 11,1% contra 8,9% das mulheres, nesses mesmos anos iniciais quando equiparado mais de 11 anos de estudos as mulheres que estão empreendendo inicialmente disparam de 22,9% sobre 14,4% dos homens, ou seja as mulheres inicialmente se capacitam mais, mas quando vai para os parâmetros de estabilização empresarial (tabela direita) esse números decaem 9,3% contra 19,5% dos homens. Assim, o grau de escolaridade das empresárias sofre com as demandas ocupacionais que as mulheres carregam já que um empreendimento estabelecido demanda mais tempo e capacitações.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

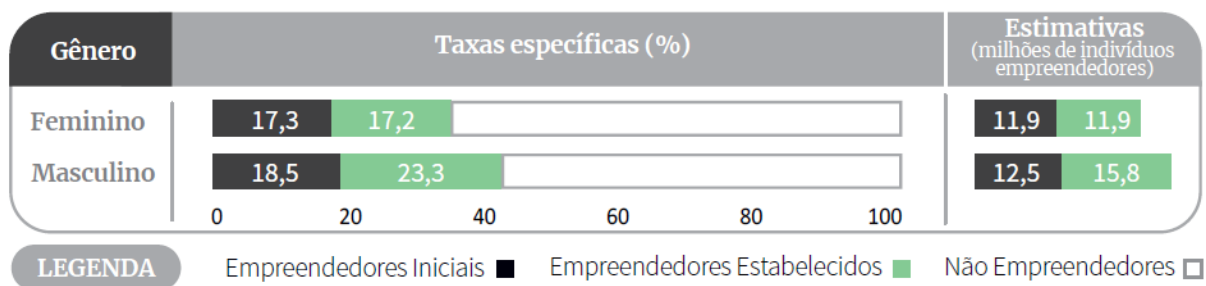
Ainda segundo a GEM (2018), empreendedoras mulheres são altas nas taxas iniciais, quando comparadas a outros países a cada 10 homens empreendedores apenas para 06 mulheres estão empregadas de forma formal, mas nas empresas estabelecidas o número de mulheres decai, equivalendo as condições para mais trabalhos informais e um significativo invisibilidade, ainda que lancem exercícios de incentivo ao empreendedorismo feminino segundo a GEM, a demanda ainda de um empreendedorismo é vista enquanto complemento de renda familiar, segundo as pesquisas realizadas pelo órgão que não equivalem programas de regularização aos ramos informais (MEI).

Visando reduzir a desigualdade dos gêneros no empreendedorismo estabelecido, são necessários maiores investimentos de suporte às empreendedoras que proponham melhorias como acesso à crédito, programas de formação e desenvolvimento de redes de empreendedoras, ampliando as iniciativas já existentes – por exemplo o programa Mulher Empreendedora SEBRAE, os projetos da Aliança Empreendedora com mulheres de baixa renda e o programa 10.000 mulheres. Um fato conhecido é que a atividade empreendedora tem sido um recurso utilizado pelas mulheres para conciliar a rotina familiar com o trabalho, em geral na busca de complementação da renda. (GEM, 2018, p. 38)

O capítulo da GEM (2018), traz, por sua vez, disparidades das relações de poder quando analisados as formações de uma escrita que demandam as mulheres as posições tardias dentro dos negócios e a falta de interesse das empreendedoras para a construção socioeconômica de seus negócios. Tais motivações são mais que desinteresse quando evidenciam a escrita dada ao órgão. Neste sentido, é preciso criticidade dos laços históricos em relação a hegemonia dos papéis, a violência de gênero e ao acúmulo de tarefas quando exigem formações de classes de micro e pequenas empresas geridas por mulheres menos abastadas economicamente.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Figura 2 - Empreendedorismo segundo o Gênero (GEM, 2018)



Fonte: GEM Brasil 2018

Cabe ressaltar, ao acompanhar as escritas de revistas de negócios e seus silenciamentos, na formação dos corpos editoriais de negócios, acompanham prêmios de destaques, conservando aos padrões do gênero masculino a frente de tais demandas, a construção e a hegemonia pertencem a uma grande parcela de relações de poder, enquanto os empresários e as construções de papéis centrais, equivalendo as mulheres a um economia complementar, tais dados editoriais não acompanham escritas as reconfigurações dos lares brasileiros, a figura de mulheres solteiras, viúvas, divorciadas, que não são projetadas em um estudo específico. Segundo JONATHAN (2011), existem ‘tetos de vidro’ para a construção das mulheres e seu empreendedorismo:

Do ponto de vista psicossocial, as empreendedoras inovam, pois ao criarem ou assumirem a liderança de seus próprios empreendimentos transpõem o denominado teto de vidro, um obstáculo simbólico que dificulta a ascensão das mulheres a altos níveis da administração empresarial. (JONATHAN, 2011, p.67)

O empreendedorismo é analisado enquanto ato de inovação do trabalho no meio da globalização, o seu significado é mais expansivo e complexo na prática do empreendedorismo feminino, pois, transmuta enquanto fator social, econômico, político e cultural as normatizações arcaicas e que ponderam valores desiguais.

As imposições dos espaços para tais posições não são apenas de caráter da fisiologia corporal, mas sim, o uso social que é feito dessa fisiologia, assim as discussões de gênero enquanto construção social, evidenciado por Saiote (2015) dão luz as formações dos sentidos empregados em espaços de poder, ocorrendo assim a

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

violência falocrática, termo empregado para distinguir o domínio do homem sobre a vida pública.

A criação de prêmios específicos destinados as empresárias ressaltam a diferenciação de relações de gênero e sua construção nos espaços dos negócios, distintos por vezes, já que, em um espaço que visa áreas de afinidades do feminino (estética, vendas, moda e alimentação etc.), mesmo comumente, não são apenas áreas para atuações a serem destacadas.

Os prêmios também realçam outras vertentes, não somente na tentativa de balancear as características de uma sociedade misógina, assim com a desconstrução do feminino e a construção de feminismos (SOIHET, 2011; RAGO 2018). O empoderamento e as nuances de trabalhadoras registradas transformam as mulheres em MEIS, essas que ao serem indicadas as segmentos formais a exemplo do prêmio *Mulher Empreendedora* – realizado pelo SEBRAE - o prêmio transmigra da invisibilidade, da informalidade para categorias oficiais de negócios, criando vertentes, novas e a construção nas relações de poder entre si, pois, com as capacitações e os órgãos que os idealizam constroem eixos globalizantes e de interesses nas melhorias econômicas a quem o oferecem e aos que a buscam.

O prêmio do SEBRAE ressalta características positivas ao longo cenário brasileiro e o fortalecimento de mulheres na capacitação e formalização dos seus negócios, mas à medida que, a taxa de preparação decai ao passar de negócios estabelecidos, as empreendedoras sofrem por falta de orientação, planejamento a longo prazo, incentivo de créditos e ampliação de capital.

Vale ressaltar que no Nordeste Brasileiro, as disparidades regionais também influenciam a capacitação do empresariado feminino e a força da mão-de-obra. No Sertão de Alagoas não é diferente. Tratando desse contexto, os estudos de Knox (2018), evidenciam a condição do imagético social feminino na região. Para ela, as sertanejas de negócios ou mulheres de negócios do sertão, não importa a categoria social, “ultrapassa barreira das classes. Ao nascerem são chamadas de ‘mininu fêmea’. A elas certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos foram impostos” (2018, p. 241).

**Tecendo narrativas: perfis de sertanejas de negócios**

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A partir da narrativa de três empresárias – Jacira Carvalho da Silva Bezerra, Estelaine Crisóstomo Patrício e Maria Vânia Araújo – iniciamos o trabalho de tecer alguns nuances de seus respectivos perfis ou trajetórias biográficas. O caminho de realização, transcrição e análise das referidas narrativas de vida revelaram experiências de gênero, laços familiares e desafios do fazer-se empresarial feminino em Delmiro Gouveia, Alagoas, região do Sertão do rio São Francisco.

Iniciamos com a narrativa de Jacira Carvalho da Silva Bezerra, 68 anos, ganhadora do título de cidadão delmirensense em 2018. Ela se vê enquanto uma empresária do ramo comercial, viúva e matriarca da família Bezerra. Ela narra que segue com rigor ao tocar seus diversos empreendimentos, que é de poucas palavras, mas que vê na família a importância do seu papel enquanto referência central e que se considera empresária com mais de 50 anos de experiência de comércio,

Desde muito jovem com 17 anos eu já tinha interesse para entrar no âmbito comercial que hoje se realizou, agora com 50 anos de luta. [...] ser uma mulher empreendedora é acreditar no seu potencial e estar sempre presente na atividade e saber discernir o momento, né? (BEZERRA, 2019)

Bezerra já foi indicada ao prêmio Mulher Empreendedora (SEBRAE). Ela, enquanto matriarca de uma família de comerciantes, entende que o empreendedorismo feminino concerne em “acreditar no seu potencial e está sempre presente na atividade e saber discernir o momento” (BEZERRA, 2019). Para esta empresária, os cursos de capacitação, planejamento e investimentos foram decisivos em sua trajetória. E, destaca ainda, as mulheres podem chegar aonde quiserem se se propuserem com empenho, formação e dedicação.

Diferente de Bezerra – matriarca de uma família de comerciantes e natural do município de Delmiro Gouveia –, Estelaine Crisóstomo Patrício, 46 anos, natural de Belém do Pará, migrou para o Sertão de Alagoas para trabalhar nas obras que a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) realizava no município de Paulo Afonso, Bahia. Ao final da obra, migrou com seus esposo e filhos para Delmiro Gouveia onde se estabeleceu no ramo da construção civil, em particular, do comércio de pisos. Formada na área de edificações, avaliou que com um pequeno investimento poderia se estabelecer e expandir seu negócio na região. Percebendo esta oportunidade,

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mesmo tendo um filho de 2 anos e estando grávida, estabeleceu-se sua primeira loja em 2000.

Eu sou dona de casa, mas eu tenho meu lado profissional, brigar e perceber que é importante sim o nosso valor sabe?! [...]. Até porque dentro da igreja eles dizem se as mulheres [...] tomassem conta das políticas [...]então se fossem as mulheres que fizessem parte da administração das coisas, tudo seria diferente até as guerras, não aconteceriam. Porque as mulheres iam pensar nos seus filhos, ela tem uma visão completamente diferente do mundo então ela ia procurar uma forma que fosse para o lado da Paz, [sabe?] Então a visão feminina ela é muito diferente do homem, e muitas vezes ele não permite [...]que se desenvolva mais, porque ele sabe do nosso valor (tá entendendo?) Para ele que é às vezes como é que diz... dominar, não é verdade? Que é o que é o domínio já quantos séculos que acontece, isso dominam a mulher porque ele sabe do valor que a gente tem, né? (PATRÍCIO, 2019).

A narrativa da empresária destaca o peso e o desafio da dupla jornada enquanto mãe, esposa, mulher e empresária. Ela desataca que a vida pessoal e o empreendimento andam juntos e, por vezes, é difícil separa-los, cada tem sua importância. Para ela a mulher desenvolve um papel muito importante para a formação dos filhos e da família. Assim antes da mãe ser independente ou não, ela é esposa e tem um papel junto a casa e a família. Estelaine versa sobre a separação, o fato de o ex-cônjuge não aceitar a prática empresarial realizada por ela, afirmando que a mulher deve sempre se sentir bem independente da escolha que faça, isso faz parte do apoio familiar o qual ela não teve do companheiro.

Quando chegou em 2007 teve uma diferença muito grande na empresa, comecei a conhecer o SEBRAE [...] eu fiz um curso no SEBRAE do EMPRETEC, e saí de lá como diz assim *Pegando Fogo*. Lembro de uns dois dias antes de terminar, meu esposo falava - 'Pronto agora mulher *endoidou*, não cuida mais dos filhos, não quer saber da casa, não quer saber de comida, não quer saber mais da empresa, não trabalha mais, só quer estar nesse curso - Então no dia que eu ouvi isso fui dormir até chorando, porque eu sabia que eu estava cheia de tarefas para fazer naquele dia, para apresentar de manhã cedo, 08h00 da manhã. (PATRÍCIO, 2019)

A capacitação foi de suma importância para a formação profissional de Patrício e das demais empresárias junto ao SEBRAE. O EMPRETEC- programa desenvolvido pelas nações unidas enquanto apoio do comércio, seu desenvolvimento estabelece os eixos de pequenas e médias empresas, com caráter inovador e de desenvolvimento Utilizado com forma estratégica dentro do SEBRAE - é um programa voltado para empresárias e para o público em geral que estipula a definição de metas e estimula os

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

empresários a alcançar maiores voos nos negócios. Apesar da desmotivação familiar, Patrício expressa o quanto foi gratificante o aperfeiçoamento para crescimento da empresa. E, após 19 anos, orgulha-se em ter uma filial de sua loja em Petrolândia, Pernambuco.

A construção da narrativa de Maria Vânia Araújo, 45 anos, tem semelhança com a narrativa de Patrício. Na construção de um empresariado familiar, a formação da empresa se deu pelo seu esposo, mas Araújo adentrou nos negócios para ampliação e principal renda do lar. Formada em Pedagogia, concursada pelo estado, ela preferiu se desligar do magistério para ficar próximo a família, na administração da papelaria juntamente ao seu esposo. A equivalência de sócia traz a Araújo, a importância de a mulher ter coragem para compatibilizar a necessidades da família e dos negócios, caminhando juntos, de mãos dadas, conciliando empreendedorismo feminino com dupla jornada:

Olha ser uma mulher empreendedora é... aquela mulher que tem coragem para tudo. Empreendedorismo não é somente você está inserido no mercado de trabalho na área de produção, na área de comércio, [não é?] empreendedorismo para mim, é você ter coragem para enfrentar todas as batalhas na sua vida, é você ter coragem para acompanhar o mercado de trabalho, é você ter coragem para assumir a sua função com a sua família. (ARAÚJO, 2019)

Araújo também faz menção a importância de cursos de capacitação e seminários de vendas, a mesma adotou também a formação no EMPRETEC do SEBRAE: cursos organizacionais com o “5S” (programa de gestão de qualidade empresarial desenvolvido no Japão) para maximização de tempo e melhora da formação empresarial. Assim, ela também destaca que o empoderamento feminino é indispensável para entender seu valor dentro dos negócios, tornando possível compreender o papel das mulheres de negócio:

o significado de feminismo é você [...] ter consciência do seu papel de atuação no mundo [...], O feminismo ele é um movimento importante para que a gente conheça os nossos deveres, busque pelos nossos direitos, [não, é?] Essa deturpação que as pessoas fazem no feminismo é muito negativa, porém, a gente quando busca procurar saber o que é, a gente se encontra, por que a gente precisa se empoderar, [não é?] Do nosso papel no mundo, que ele é importantíssimo, que ele é necessário[...] então, eu acho que esse movimento do feminismo ele é importante sim [...] quando nós nos conscientizarmos do nosso papel no mundo, que nós não somos inferiores a ninguém, que nós podemos tudo. (ARAÚJO, 2019)

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Araújo evoca o feminismo enquanto uma prática para se chegar no empoderamento e a valorização da classe feminina nos negócios. Diferente de Patrício, que o entende enquanto prática radical/extrema, das mulheres cobrarem seus direitos, ela o evoca enquanto uma prática de abandono familiar principalmente dos filhos e das obrigações *femininas* dentro do espaço do lar. As visões antagônicas trazem o abismo da mesma luta - o empoderamento, o lugar de fala, e a mulher enquanto sujeito ativo nas relações de poder – a valorativa mesmo que não rotulada busca o bem estar próprio e seu legado diante da construção familiar e social.

Para Bezerra o feminismo é visto enquanto soma de legados, a mulher enquanto ocupa um lugar, mas ao mesmo tempo não tomar o espaço do homem, evidência a independência financeira é valorativo de um feminismo.

Sim, a gente acredita que a mulher como mulher ela não vai tomar o espaço do homem, mas ela tem que agregar valores [não é] deixar um legado ... Como mulher e fazer com que as outras mulheres tenham a mesma referência [não, é?] Porque unindo é que faz a força [...] o legado é importante, [...] disponível é importante e terminar sendo uma soma para o auto estima, para todas as mulheres serem independente financeiramente. (BEZERRA, 2019)

As pesquisas qualitativas foram empreitadas tentando vê mulheres em diferentes cenários empresariais, assim, à medida que analisamos partes destas narrativas percebemos a importância da capacitação e do esforço trilhado para consolidar seus empreendimentos em terras sertanejas. De outro lado, para as três entrevistadas a família é o eixo motivador sobre o qual se constroem e se ampliam o entendimento de empreendedorismo feminino e de família. As identidades são consagradas em meio ao seio das famílias.

Um dado constatado é que todas seguem padrões familiares. A família tem participação em algum departamento ou segmento de empreendimentos, Patrício administra a empresa, mas colocou seus três filhos em setores diversificados, de acordo com o perfil de cada um. Bezerra, gerencia o comércio de aviamentos e festas, seus filhos se dividem em outros empreendimentos do grupo. Araújo, cuida da parte administrativa, a seu esposo compete o gerenciamento dos funcionários e questões frente à loja.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## Considerações finais

A duplicidade de horas trabalhadas, assim como no cenário nacional remontam-se também no cenário do sertão estudado, apesar de uma pesquisa com empresas já estabelecidas, a capacitação é valorativa dentro de uma região que por muita fora marginalizada, as ampliações sofridas, remetem a uma série de políticas privadas e também da contingência da expansão educacional ao interior, modificando os eixos a formação empresarial mesmo que indiretamente.

A globalização, pode não acompanhar todos e todas de forma igual, mas criam novas expectativas sobre o cenário que por muito foi construído pelo imagético do atraso, sem arrojados e movimentos. Assim como práticas de independência financeira feminina que coabita, lado a lado, com as vertentes de superação do arcaico e da misoginia tomando a manutenção simbólica dos papéis femininos uma tentativa de silenciamento e de invisibilização de gerações de mulheres sertanejas de negócios. Em síntese, as organizações empresariais sertanejas, sob o comando feminino, de mulheres sertanejas de negócios, precisam ser melhor estudadas, compreendidas e discutidas. Objetivo em torno do qual estamos focando nossos primeiros passos.

## Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. FGV Editora, 2004.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *Obras Escolhidas*. Vol. I, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- CAVALCANTI, Maele Moreira Sandes. *Potências do feminino no empreendedorismo do sertão alagoano*. Delmiro Gouveia: Universidade Federal de Alagoas: Campus do Sertão: Curso de História, 2020. (Monografia)
- CORREIA, Telma de Barros. *PEDRA: Plano cotidiano operário no sertão/ Telma de*

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BarrosCorreia. – Campinas, SP, 1998.

CRUZ, J. Vieira. “O uso metodológico da História Oral: um caminho para a pesquisa histórica”. In: *Fragmenta: revista científica*, v. V, p. 49-61, 2005,.

DAS, Mallika. Women entrepreneur from southern India: an exploratory study. *The Journal of Entrepreneurship*, Ahmedabad, v. 8, n. 2, p. 147-163, 1999.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. *Delmiro Gouveia e a educação na pedra*. Senado Federal, 2014.

GRECO, Simara Maria de Souza Silveira Greco, et al. *Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil 2018*. Curitiba: IBQP, 2019. Disponível em : <https://www.gemconsortium.org/> . Acesso em: 06/08/2021.

HOLANDA, Fabíola; MEIHY, J. C. S. B. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

JONATHAN, Eva G. “Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder”. In: *Psicologia Clínica*, v. 23, n. 1, p. 65-85, 2011.

KNOX, Miridan. “Mulheres no sertão Nordeste” In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MELO, Hildete Pereira de; THOMÉ, Debora; *Mulheres e poder: História, ideia e indicadores*. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

Nelly Richard, *Masculino/femenino: Práticas de la diferencia y cultura democrática*, Santiago de Chile, Francisco Zegers, 1993.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução Ângela MS Corrêa. 2 ed. São Paulo:Contexto, 2019.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: Operários. Mulheres e Prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paze Terra, 2020.

RAGO, Margareth. “Trabalho feminino e sexualidade” In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SEBRAE - [Sebrae ALAGOAS AL - Sebrae](#), Acesso em: 02/08/2022

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero patriarcado e violência*. — 2. ed.— São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar*. UFMG, 2010.

SOIHET, Rachel. “História das mulheres” In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). *Novos domínios da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.